

Por Suelen Salgo (*)



Há tempos, calcular o Value At Risk (VaR) deixou de ser o grande desafio no gerenciamento de risco de fundos de pensão. O desafio está em analisar a variação do risco frente ao retorno esperado e o orçamento de risco da carteira, para traçar estratégias de investimentos que combinam, de forma objetiva e sob o mesmo grau de relevância, retorno e risco e que considerem um cenário econômico cada vez mais complexo. Além disso, os órgãos reguladores do mercado financeiro também estão cada vez menos tolerante a falhas – o que é excelente para todos os envolvidos! – e sabem muito bem os custos que um pequeno deslize pode gerar. Mas, como acompanhar todos estes dados e atender a todas as exigências com a tempestividade, segurança, consistência e transparência que um fundo necessita? A resposta está na tecnologia.

Assim como em inúmeros outros setores da economia, na gestão de risco, a tecnologia também ajudou a transformar métricas e processos em sistemas e soluções. O que antes demandava horas de dedicação sob uma planilha, agora, está disponível em apenas um clique. Independente do porte do fundo, hoje, é difícil enxergar o gerenciamento de risco sem investimentos em tecnologia. E, para exemplificar este ponto de vista, falando especificamente dos fundos de pensão, ressaltar três fatores: o custo de observância regulatória; a mudança do perfil do investidor; e, por fim, a

necessidade de eliminação de qualquer tipo de viés na escolha dos investimentos que farão parte da carteira.

Vamos começar pela questão legal. Seja por conta de fraudes, erros ou crises desencadeadas pelos mais diferentes fatores, quando falamos em investimentos financeiros, há uma necessidade crescente de objetividade e transparência no processo de tomada de decisão e monitoramento do portfólio. Consequentemente, existe uma mudança constante do aparato regulatório, o que exige o permanente monitoramento pelos gestores. É preciso atender todas as exigências para evidenciar a boa fé e a ética na condução do negócio. E, por mais que existam vários órgãos reguladores, as normas e regras caminham todas na mesma direção.

Se o custo de observância para este acompanhamento é alto, a tendência é ficar ainda mais elevado. As regras não tendem a ficar mais frouxas! Pelo contrário. Se olharmos pelo ponto de vista dos participantes, cada vez mais, o mercado buscará alternativas para aumentar a transparência. E o regulador vai caminhar neste sentido. Por isso, a tecnologia torna-se cada vez mais essencial. Somente por meio do investimento em soluções e tecnologia que otimizem e monitorem todo o aparato regulatório, é possível atender a demanda com eficiência.

O segundo ponto que justifica os investimentos em TI é a crescente exigência dos clientes (sim, clientes! Os fundos de pensão são prestadores de serviço para os participantes). É notável o avanço do conhecimento financeiro e interesse sobre as finanças por parte do investidor. Em momentos de crise – como o que vivemos este ano –, o cliente fica ainda mais arisco em relação aos prestadores de serviços. Ele quer uma decisão rápida e segura, com um serviço personalizado, em que ele consiga identificar seus interesses ao perfil de investimento.

Neste momento, entramos no terceiro ponto essencial: como justificar as decisões de investimento, eliminando todo e qualquer viés na tomada de decisão. Como comentei no início deste artigo, o cálculo do VaR está longe de ser a principal preocupação do gerente de risco. Cada vez mais, ele precisa de cálculos ainda mais complexos para uma realidade mais complexa (produtos estruturados e outros que estão surgindo para atender a demanda de rentabilidade e que requerem controles mais assertivos e tempestivos de risco). O primeiro desafio é estocar estes dados. Posteriormente, o gerente de risco precisa tirar conclusões a partir deles, o que requer metodologias avançadas de análises de dados, incluindo tecnologias de inteligência artificial, por exemplo.

A tecnologia atual permite o cruzamento de informações que seria impossível para um processamento manual. A análise de risco, muito mais que avaliar o passado, precisa projetar o futuro. A partir destas análises, o gestor pode tomar as suas decisões com parâmetros claros e justificáveis.

Dentro da estrutura de governança da maioria das fundações, é crescente a preocupação em eliminar todo e qualquer viés nas decisões. A direção do fundo de pensão precisa justificar as posições de suas carteiras não apenas para os conselheiros, mas para os próprios participantes. E a tecnologia aplicada à área de risco, com todas as suas possibilidades, permite criar processos sistêmicos e independentes que devem nortear as decisões de investimentos. Somente com tecnologia, e com a definição destes modelos, é possível excluir qualquer interferência pessoal na decisão de investimento. É importante ressaltar que, mesmo para fundações que terceirizam a gestão de seus recursos, é necessário que se invista em tecnologia para monitoramento do portfólio e do risco de suas carteiras.

Diante de todo este contexto, podemos ressaltar mais um fator que, ao meu ver, não é uma justificativa, mas uma consequência direta dos investimentos em tecnologia: a necessidade de economia das fundações. Quando falamos em investimentos, pensamos nos desembolsos iniciais para qualquer projeto. Como diretora comercial da LUZ, e responsável pela comercialização de soluções que nasceram para ajudar na gestão dos fundos de pensão, sei que este é um ponto crucial na decisão pela mudança.

A tecnologia vem para baratear processos e torná-los mais eficientes, eficazes e completos. Precisamos usar a tecnologia que já existe para melhorar os nossos modelos e investir em pessoas para que atuem, cada vez mais, na análise e menos no operacional – que, certamente, valem muito mais que a tecnologia e farão toda a diferença na performance do fundo.

(*) **Suelen Salgo** é Bacharel em Matemática Aplicada pela Unicamp. Começou na LUZ na área de Pesquisa & Desenvolvimento e em 2014 assumiu a área Comercial. Em 2016 se tornou sócia da empresa e atualmente é Diretora da área Comercial e da área de Projetos.

Fonte: Abrapp em Foco, em 17.09.2020